



Universidade de Brasília
FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

MEDIAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE:
O PAPEL DO PROFESSOR

CAROLINE ELLEN BARBOSA SANTIAGO DE MOURA

ORIENTADORA: PROF^a DR^a CYNTHIA BISINOTO

BRASÍLIA

JUNHO 2014



Universidade de Brasília
FACULDADE UnB PLANALTINA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**MEDIAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE:
O PAPEL DO PROFESSOR**

CAROLINE ELLEN BARBOSA SANTIAGO DE MOURA

ORIENTADORA: PROF^a DR^a CYNTHIA BISINOTO

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora,
como exigência parcial para a obtenção
de título de Licenciado do Curso de
Licenciatura em Ciências Naturais, da
Faculdade UnB Planaltina, sob a
orientação da Prof^a Dr^a Cynthia
Bisinoto.*

BRASÍLIA

JUNHO 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir conhecê-Lo e viver Suas promessas.

A minha querida avó Epifania, mãe Cléia e irmão Éric, pela dedicação, amor e apoio.

A minha querida orientadora, professora Cynthia Bisinoto, sempre disponível e atenciosa.

Ao meu noivo Danilo, pelo carinho e paciência.

A minha família por participar de todo este processo, a vida não seria a mesma sem vocês.

MEDIAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE: O PAPEL DO PROFESSOR

Caroline Ellen Barbosa Santiago de Moura¹

RESUMO

Partindo da teoria histórico-cultural do desenvolvimento humano, temos que através do trabalho o homem é capaz de agir e modificar o mundo, ao mesmo tempo em que se modifica. Para agir sobre o mundo surgem então os instrumentos que se colocam entre o trabalho e o objeto de trabalho, tornando a relação homem-meio indireta e mediada. Com o passar do tempo, todo este movimento de criação dá origem à cultura, que pode ser definida como tudo aquilo que o homem cria para satisfazer necessidades criadas. No entanto, não nascemos portadores da cultura, mas candidatos à sua apropriação para nos tornarmos humanos, isso só é possível por meio da mediação. A mediação é que dá a possibilidade de transformar as funções externas em internas, e para isso fazemos uso dos instrumentos e dos signos. A utilização dessas duas ferramentas dá início ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores, onde temos o controle de comportamento, a capacidade de abstração e generalização. Tudo isso só é possível quando há interação entre aquele que sabe a cultura e aquele que vai aprender, por isso é tão importante ter alguém mais capacitado para instruir alguém que um dia será capaz. No contexto escolar, alunos e professor são capazes, no entanto a maior preparação do professor o torna mais apto, por isso ele deve entender o que é a mediação, qual seu papel neste processo e a importância de conduzi-lo de maneira adequada, onde à medida que os alunos se apropriam do conhecimento vão se tornando humanos e, consequentemente, participantes da sociedade. A partir de pesquisa bibliográfica este trabalho propõe analisar e refletir sobre o conceito de mediação no contexto escolar, sua atuação no processo ensino-aprendizagem e a relação existente entre o professor e a mediação à luz da abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: mediação, prática docente, funções psicológicas superiores, teoria histórico-cultural.

ABSTRACT

Leaving the cultural-historical theory of human development, we must work through man is able to act and change the world at the same time that changes. To act upon the world then come the instruments that arise between labor and work object, making indirect and mediated middle-man relationship. Over time, all this movement gives rise to the creation of culture, which can be defined as everything that man creates to meet needs created. However, we are not born bearers of culture, but candidates of its ownership to become human, this is only possible through the mediation. Mediation is that it gives the possibility to transform the external into internal psychological functions, and for this we make use of tools and signs. Using these two tools begins the development of higher psychological functions, where we have control of behavior, the ability of abstraction and generalization. All this is possible only when there is interaction between the one who knows the culture and one that will learn why it is so important to have someone more qualified to instruct someone who will one day be able. In the school context, students and teachers are able, however most teacher preparation makes it more fit, so he should understand what is mediation, what is your role in this process and the importance of driving it properly, where the As students take ownership of knowledge are becoming human and thus participants in society. From literature this paper proposes to analyze and reflect on the concept of mediation in the school context, his performance in the teaching-learning process and the relationship between the teacher and mediation in light of the historical-cultural approach to human development.

Keywords: mediation, teaching practice, higher psychological functions, cultural-historical theory.

1. INTRODUÇÃO

A mediação, definida por Oliveira (2004) como “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação” (p. 26), está presente em todos os processos de

¹ Curso de Licenciatura em Ciências Naturais – Faculdade UnB de Planaltina

nossa vida, ela é capaz de nos transformar em seres humanos ativos no ambiente em que vivemos, a partir do momento em que nossos atos adquirem significado. Isso acontece pois as relações entre pessoa e pessoa são fundamentais desde o nascimento, em um primeiro momento com a mãe ou cuidador(a), e com o passar dos anos com o resto das pessoas que nos rodeiam. Durante todos os estágios da vida somos motivados a nos relacionar e somos inseridos em ambientes propícios a tal ação, como por exemplo, o ambiente escolar.

Sabendo que a mediação nos dá a possibilidade de humanizar alguém e de nos tornar humanizado, precisamos destacar a importância de um real entendimento a respeito deste conceito, já que a humanização é o próprio processo de desenvolvimento, de acordo com a teoria histórico-cultural (Vygotsky, 1991, 2003). A falta de entendimento desse fator principal de inserção num ambiente cultural, tem deixado de lado um dos agentes mais importantes e essenciais para a apropriação dos conhecimentos, o professor; é ele quem faz a ponte entre o conhecimento e o aluno (Bulgraen, 2010) impulsionando, por meio da aprendizagem, o desenvolvimento. Se o professor não tem consciência da importância de seu papel para realizar os objetivos que devem ser alcançados, dificilmente o que se faz em sala de aula acrescentará algo ao processo de aprendizagem e, por fim, de desenvolvimento.

Entender esse papel de mediador do desenvolvimento dos alunos e colocar em prática é causar a apropriação dos conhecimentos. Segundo Freire (1979), a ação do professor contribui para uma sociedade pensante, e o aluno deixa de ser um depósito de informações para ser um cidadão pensante, isso acontece à medida que o professor entende que o processo de mediação, que tem como objetivo causar desenvolvimento, deixa de ser algo unilateral para ser algo compartilhado e construído socialmente.

Na escola, a mediação é um importante elemento da prática pedagógica, é através dela que o conhecimento pode ser incorporado pelo aluno produzindo aprendizagem e a apropriação adequada dos instrumentos e signos que nos ajudam nas relações sociais. De maneira geral, a mediação surge no “processo de apropriação da cultura, decorrente das atividades humanas em geral” (Bernardes & Moura, p. 466, 2009). Se considerarmos que na escola estamos constantemente nos relacionando, podemos destacar a relação aluno e professor, ela se dá durante anos e nos ajuda a conhecer o mundo, o professor se torna um participante do processo de apropriação dos conhecimentos, pois ele mesmo nos oferta. Participar deste processo de apropriação quer dizer que o construímos com nossas ações individuais quando o incorporamos, e

que precisamos do outro para ter acesso ao que ainda não sabemos. A partir da mediação, temos a ampliação da capacidade de apropriação da cultura e no ambiente escolar o professor é um dos mediadores do conhecimento.

Para Vigotski (2003), o desenvolvimento é impulsionado pela aprendizagem, que no contexto escolar conta com a ajuda do professor que deverá atuar, especialmente, sobre a zona de desenvolvimento proximal, a chamada ZDP. É nesse nível que o ser humano precisa da ajuda de outras pessoas para fazer aquilo que ainda não consegue realizar sozinho, o que faz o papel do professor extremamente importante.

Dessa forma, o professor e a mediação estão intimamente ligados, ele é um sujeito ativo no processo pedagógico e atua diretamente na mediação dos instrumentos e signos de que os alunos deverão se apropriar. Todas essas atribuições fazem do professor um elemento importantíssimo para o sucesso da mediação, que no contexto escolar requer planejamento e intencionalidade para realizá-la à luz dos objetivos de desenvolvimento que se quer alcançar com os estudantes.

Se o professor é considerado o mediador entre o conhecimento e o aluno, ele deve perceber a necessidade de compreender como a mediação atua no processo de aprendizagem e relacioná-la ao seu trabalho. Ele deve criar situações que permitam que o aluno se aproprie da cultura, o que promove o desenvolvimento, além de tudo isso, o professor deve permitir ao aluno ser construtor desse conhecimento, dessa maneira a cultura é construída e os indivíduos se tornam participantes do mundo.

Considerando, então, o importante papel do professor e de sua prática pedagógica no processo de desenvolvimento dos estudantes, este trabalho pretende explorar a função atribuída à mediação na prática pedagógica. Buscamos, especificamente, compreender como a mediação atua no processo educacional de aprendizagem, além da relação entre a mediação e o trabalho do professor.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi construído com base em pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica abrange a bibliografia pública "em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, etc" (Marconi & Lakatos, 2008, p. 57). Em linhas gerais, a pesquisa bibliográfica foi realizada com base em material já elaborado por diversos autores, o qual se constitui principalmente de livros e de artigos científicos publicados em

periódicos, em português, com o intuito de recolher o conhecimento discutido sobre o problema, refletindo acerca de suas diversas posições.

Baseado nas mesmas, o trabalho foi construído a partir de análises e reflexões sobre o conceito de mediação no contexto escolar, sua atuação no processo ensino-aprendizagem e a relação existente entre o professor e a mediação à luz da abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, além de seus fundamentos, com material acadêmico e de autores que, reconhecidamente, produzem textos elaborados com base nestas categorias. Partindo principalmente dos conceitos construídos por Vigotski, foram utilizados autores nacionais que se fundamentam na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano e apresentam reflexões sobre o conceito da mediação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 FUNDAMENTOS DA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ao nascer o homem é inserido em um ambiente cheio de significações que foi produzido pela humanidade ao longo dos anos. Interagir com este mundo e se comunicar neste ambiente implica entender esses significados, se apropriar deles de uma forma individualizada, além de conseguir passá-los para as próximas gerações. Todo esse processo é definido como histórico-cultural, onde temos que o homem se constrói e é construído a partir de sua relação com o meio em que vive e com outros homens, necessitando do contexto social e das interações com outras pessoas para se desenvolver.

A construção do indivíduo como ser humano, ou seja, o processo de humanização, se torna histórico-cultural à medida que há uma incorporação daquilo que foi construído, pelo homem, ao longo da história. Toda essa construção é possibilitada através do trabalho que nada mais é que uma atividade. A atividade é definida por Leontiev (citado por Rigon, Asbahr & Moretti, 2010) como “aqueles processos que, realizando as relações do homem com o mundo” (p. 23) satisfazem essas mesmas relações e para que ela exista é preciso haver uma necessidade.

A atividade é algo abstrato, que é direcionado a um motivo e se concretiza por meio de ações (Leontiev, citado por Rigon, Asbahr & Moretti, 2010). As ações representam aquilo que a pessoa pensa e as maneiras que vai utilizar para realizar seu pensamento, ela tem como objetivo uma necessidade que se deseja suprir. Não se trata de uma motivação biológica, mas de algo que tira o indivíduo do lugar de passividade,

perante a natureza, e o coloca em lugar onde pode transformá-la, não apenas com sua presença, mas com uma ação que promove e cria novas necessidades. Pode-se dizer que é um conjunto de ações que possuem uma intencionalidade.

Partindo da atividade como algo humano, entende-se que através do trabalho o indivíduo se constitui e constitui o meio, e o mesmo trabalho atua sobre a construção da cultura, pois por meio do trabalho os homens se objetivam e transferem sua atividade física e mental (Meira & Facci, 2007). A cultura é formada socialmente, são as interações sociais e as trocas interpessoais que permeiam essa construção, além das relações com o meio. A esse respeito, Laplane e Botega (2010) dizem que a cultura é algo que se aprende por meio da participação, já que sem estar inserido em um meio e privado das relações, o indivíduo não pode se construir. A cultura é algo sutil que é refletido nos atos, normas, valores e condutas, ela pode ser considerada como o pano de fundo onde transcorre e influencia todo o comportamento humano cotidiano.

A capacidade de produzir cultura, a partir da intervenção sobre a natureza, é o que diferencia o homem dos demais animais. Enquanto a natureza corresponde ao que é dado naturalmente pelo ambiente físico, a cultura é constituída por tudo aquilo que o homem cria para satisfazer suas necessidades. Por isso é que se diz que o homem se humaniza quando se apropria da cultura, sendo que apropriar-se quer dizer incorporar a cultura, partindo do externo para o interno, a cultura é o lugar onde podemos conhecer e produzir conhecimento.

Importante destacar que não se trata de amontoar tudo o que se aprende, mas de reorganizar psicologicamente essa construção humana, o que acontece de forma única em cada indivíduo. A cultura não só age sobre o homem, mas o homem age sobre ela, a partir de sua individualidade que insiste em transformar a cultura, tornando impossível um caráter rígido desse elemento de humanização.

“Para a perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento é concebido como o movimento de apropriação de formas culturais mais elaboradas de atividade” (Silva, 2009, p. 01), ou seja, a apropriação da cultura promove desenvolvimento, não é uma função individual, mas o resultado da interação. Assim, essa apropriação cultural só é possível por meio da participação do outro, por meio das interações e trocas sociais. Essa apropriação da cultura, repleta de elementos simbólicos que carregam consigo significados complexos, não é feita de forma direta, mas de forma mediada.

3.2 A MEDIAÇÃO

A mediação é indispensável para a compreensão do processo de apropriação da cultura, assim é preciso destacá-la como processo essencial. Oliveira (2004) define mediação como “processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação” (p. 26). Assim, há entre o indivíduo e a cultura algo que permite conhecê-la, algo que se interpõe entre o indivíduo e a cultura e permite a sua apropriação. Podemos dizer que existem sistemas que nos apresentam a realidade e a representam de forma simbólica. É por meio dos signos e dos instrumentos que o indivíduo participa da cultura, com o conhecimento produzido historicamente pelo conjunto dos homens.

Dessa forma, quando há algo que se coloca entre o trabalho e meu objeto de trabalho, entre um estímulo e uma resposta, não há mais uma reação imediata ao estímulo, mas algo que torna essa relação indireta e mediada. De acordo com Oliveira (2004):

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo. (p. 33)

Essa relação entre mediação e funções psicológicas superiores, proposta por Vigotski (2003) revela a importância da mediação para a transformação das funções tipicamente biológicas para o pensamento humano. Assim pode-se dizer que “a mediação é a base dos processos psicológicos superiores” (Oliveira, 2011, p. 11), entendidos como resultado do desenvolvimento.

Considerando a necessidade de um sistema de símbolos que nos apresentem a realidade e nos insira no mundo, podemos entender, a partir de Vigotski (2003), dois tipos de elementos que medeiam a relação entre o homem e o mundo e trazem a possibilidade de tornar as atividades essencialmente humanas: os instrumentos e os signos.

3.2.1 A mediação por instrumentos

O instrumento é o elemento concreto que se interpõe entre o trabalho e seu objeto (Oliveira, 2004) podemos exemplificar dizendo que, ao construir uma casa, utilizamos a pá para mexer a massa; a pá é o instrumento mediador utilizado para que o

ato de mexer a massa seja realizado. O instrumento é utilizado pelos animais e pelos homens, no entanto, a utilização de tais instrumentos é feita de maneira distinta por essas espécies. O animal se utiliza de um instrumento para alcançar seu objetivo, mas não é capaz de guardá-lo para o uso posterior, há uma motivação instintiva para resolver de forma imediata o desafio existente, sendo que não vai além daquela situação e não se aperfeiçoa com o tempo.

Quando se fala da utilização humana do instrumento, temos o aparecimento destas características que estão ausentes nos animais, pois o homem consegue aprimorar o uso daquele instrumento e passá-lo para as próximas gerações.

Ao demonstrar a diferença entre o homem e o animal na utilização dos instrumentos, Oliveira (2004) diz que os animais “são capazes de transformar o ambiente num momento específico, mas não desenvolvem sua relação com o meio num processo histórico-cultural, como o homem” (p. 29), que se mostra capaz de levar adiante aquele instrumento criado e aperfeiçoado com o passar do tempo, o instrumento pá, citado acima, foi criado e aperfeiçoado com o tempo, agora não é necessário utilizar a mão para mexer a massa, temos algo que permite a mediação dessa ação e a facilita.

No caso dos seres humanos, os instrumentos atuam sobre a natureza de forma a transformá-la, são capazes de modificá-la de acordo com a necessidade humana. Vigotski (2003) diz que o instrumento “constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza” (p. 73) O instrumento é o meio pelo qual o homem transforma o ambiente em que vive, sendo que por meio do instrumento essa transformação da natureza é ampliada: o machado permite um corte mais afiado e preciso, uma vasilha facilita o armazenamento de água, enfim, por meio dos instrumentos podemos aprimorar uma atividade de acordo com a necessidade.

3.2.2 A Mediação por signos

Diferentemente dos instrumentos, os signos são “meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.)” (Oliveira, 2004, p. 30), ou seja, atuam na esfera de atividades psicológicas e intencionais, já que passa a ser algo que nos remete a realidade e nos permite pensar a respeito sem, necessariamente, ter em mãos aquele objeto que pensamos, por exemplo.

Os signos atuam de forma análoga aos instrumentos. Da mesma maneira que utilizamos os instrumentos para mediar uma ação externa, utilizamos os signos como mediadores internos, psicológicos. Ao invés de causar uma transformação externa,

como os instrumentos causam por meio da intervenção sobre a natureza, por meio dos signos realiza-se a capacidade de controle interno, das estruturas psicológicas. É a partir dos signos que podemos controlar tais funções. Veronezi, Damasceno & Fernandes (2005) dizem que:

Analogamente aos instrumentos, os signos são os meios auxiliares no campo psicológico; são os instrumentos da atividade psicológica. A ideia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo supõe um processo de representação mental que substitui os objetos do mundo real. (p. 540)

Os seres humanos têm a capacidade de construir representações mentais que substituam os objetos do mundo real e essa capacidade nos possibilita fazer relações mentais na ausência dos próprios objetos. Para Aguiar (2000) o “signo é, pois, entendido neste caso como tudo aquilo que possui um significado” (p.130), é algo que possui uma significação construída em um ambiente social e histórico, essa característica faz com que o indivíduo nascido naquele ambiente tenha que se relacionar e interagir com as outras pessoas e com a cultura para compreender o real significado daquele signo e assim internalizá-lo.

Desde criança aprendemos a nos comunicar com os adultos, seja por meio de balbucios ou choro. Neste momento os adultos são os detentores da cultura e a criança tem, inicialmente, um mundo sem significação, não podendo atribuir significado a instintos que são determinados de maneira biológica; os atos são respostas diretas a um estímulo. Com o desenvolvimento e passar dos anos, temos que essa relação entre detentores da cultura e aprendizes se torna um processo de apropriação e de transformação, à medida que a criança em pleno desenvolvimento começa a se apropriar da cultura, ou seja, passa a incorporar e atribuir significados àquilo que antes não fazia nenhum sentido. Por meio da mediação do outro, muito particularmente pela mediação do adulto, a criança vai incorporando os significados que foram socialmente construídos dentro da cultura. Há, assim, evidentemente um processo de fora para dentro.

Para Veronezi, Damasceno & Fernandes (2005) o signo é “o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos” (p. 539), ou seja, o signo nos traz a capacidade de controlar nossa ação.

O signo é algo partilhado de maneira social e constituído por nossas interferências durante a apropriação, essas interferências acabam aumentando a gama de representações ao mesmo signo e, com a generalização, acabam por adquirir vários significados. Marinho-Araújo (2014) nos mostra isso com um exemplo prático, partindo de um signo que utilizamos em nosso cotidiano:

Tomemos como exemplo uma cruz (✚). Como uma marca, ela é um signo. Quando a pintamos de vermelho e a colocamos em um quadrado (◼) ela se transforma no símbolo da Cruz Vermelha. Se tornamos um de seus eixos mais alongado (✚), essa marca adquire outro significado. Além disso, cada pessoa atribui a este signo, ou ao mesmo significado, um sentido diferenciado, dependendo de suas experiências, valores, crenças, conhecimentos. (p. 06)

Dependendo da pessoa que vê este signo, os significados podem mudar, a cruz pode significar morte, mas para outro indivíduo pode significar o Cristianismo, e é assim que o desenvolvimento acontece, à medida que conseguimos generalizar e partilhar processos socialmente. O processo de desenvolvimento consiste, justamente, na individualização, ou seja, na transformação de relações e atividades sociais em relações e funções individuais.

4. AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

É quando o instrumento e o signo se encontram que se tem a formação das funções psicológicas superiores. Quando se fala em instrumento temos que seu uso em um trabalho, que requer um conjunto de ações, modifica a forma de vida exterior. Quando se fala de signo aliado ao instrumento, temos que há uma modificação na forma interior, ou seja, há uma alteração psicológica. Não se trata de uma junção entre um e outro, mas de uma reorganização das estruturas psicológicas, e o resultado disso é o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. De acordo com Silva & Davis (2004) “a modificação da natureza pela ação humana está relacionada ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores” (p. 642).

As funções psicológicas superiores são algo estritamente humano: é a capacidade de pensar a respeito de algo de maneira abstrata, assim como o controle do comportamento, através de signos que foram construídos socialmente e internalizados. Somente neste processo, de fato, o ser humano se humaniza. Desse modo, sobre as funções psicológicas superiores, podemos dizer que “estas habilidades são atividades mentais internas, organizadas em sistemas funcionais, emergindo da atividade prática,

desenvolvida na sociedade humana com base no trabalho [...] o desenvolvimento está, pois, alicerçado sobre o plano das interações” (Veronezi, Damasceno & Fernandes, 2005, p. 540)

No entanto, antes de conquistar as funções psicológicas superiores, o homem tem funções psicológicas mais simples, são as chamadas funções psicológicas elementares. Essas funções têm base biológica e as temos ao nascer, são tidas como ações involuntárias, representadas pela necessidade de resposta direta a um estímulo gerado. Por exemplo, uma criança vê um objeto e, na vontade de pegá-lo, ela realiza gestos que tenham como objetivo pegar o objeto, mas sem sucesso; estando inserida em um contexto social, a mesma criança com aquele gesto mostra para a mãe, mesmo sem intencionalidade, que quer pegar o objeto, a mãe então o pega e dá para a criança. Nesta situação a criança teve uma resposta direta a um estímulo, sendo que essa resposta direta só passa a ser indireta quando a criança percebe que o gesto feito por ela, faz com que a mãe pegue o objeto; a partir de então ela não o faz no sentido de pegar o objeto, mas de mostrar para a mãe que quer o objeto e assim alcançar seu real objetivo, houve uma relação mediada, temos então o aparecimento das funções psicológicas superiores.

As funções psicológicas superiores são formadas socialmente e de acordo com Lucci (2006) é resultado da interação entre as funções psicológicas elementares e a cultura. Todo esse processo psicológico humano primeiro se realiza nas relações com o mundo e as outras pessoas e depois se individualiza, se internaliza. Não há mais um sistema simples de estímulo-resposta, mas há uma mediação entre os dois, que não permite uma relação direta, não é mais uma resposta biológica, mas um ato de controle de comportamento, capacidade de planejar. Assim, as funções psicológicas superiores são caracterizadas pela intencionalidade das ações, podendo ser dito que são intencionais, propositais e voluntárias, portanto são humanas (Lucci, 2006) e nos dão a possibilidade de planejar, ter raciocínio dedutivo, projetar atenção e memorizar de forma voluntária. O processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre a partir das interações sociais, das trocas interpessoais e da internalização da cultura e dos signos disponíveis na cultura em que a criança está inserida.

Por essa razão, a intervenção e a colaboração de outra pessoa mais competente, de uma pessoa com domínio das funções superiores mais complexas, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores que não são dadas biologicamente.

5. RESULTADOS

5.1 A MEDIAÇÃO E O TRABALHO DO PROFESSOR

De acordo com a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, as mudanças que ocorrem no ser humano, ao longo do seu desenvolvimento, estão estreitamente vinculadas às interações que ocorrem entre o sujeito, a sociedade e a cultura e também a sua história de vida e situações de aprendizagem. A interação com outras pessoas é fundamental para o desenvolvimento humano e, em particular, para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que são tipicamente humanas (Vigotski, 2003). Estas funções não surgem espontaneamente no processo de desenvolvimento do sujeito, pois precisam das interações sociais.

Ao se apropriar da cultura e do conhecimento de forma gradual, o homem vai tendo acesso a modos de pensar, de estruturar o pensamento, de organizar os processos mentais e, assim, passa a formar as funções psicológicas superiores. O desenvolvimento dos processos de abstração, generalização e controle intencional do comportamento, por exemplo, são conquistados por meio da convivência com o outro. A origem do pensamento abstrato está na interação do sujeito com as condições de vida social e nas formas histórico-sociais de vida da espécie humana. Todo esse processo acontece quando há mediação, por isso se torna indispensável a presença de um ser humano mais capaz no processo de humanização do indivíduo, ele fará o papel de mediador.

O professor, no ambiente escolar, será responsável por organizar o processo de ensino-aprendizagem de forma a possibilitar que o aluno tenha acesso ao conhecimento construído historicamente pela humanidade. É evidente que não podemos adquirir conhecimentos apenas com os professores, pois segundo a teoria histórico-cultural a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos são promotoras de desenvolvimento. O diferencial do professor, entretanto, é que ele é o grande organizador de todo o processo. Além de ser o mais experiente, sua interação com os alunos tem intencionalidade e é planejada.

Assim, o professor deve “propiciar ao aluno o domínio de signos e instrumentos culturais que possibilitam a mediação com os outros e com o meio ambiente” (Santos & Gasparin, 2012, p. 9), deve levá-lo a outro nível de conhecimento a partir daquilo que o aluno sabe mas que ainda não domina. A responsabilidade dos professores no contexto escolar é com o desenvolvimento dos alunos através da aprendizagem que vai se dar pela mediação. Observando e explorando os conhecimentos dos alunos, o professor deve intervir para reorganizar tal conhecimento, levando-os a outro nível de

conhecimento. Neste momento podemos citar o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conforme formulado por Vigotski (2003).

De acordo com Berni (2006, p. 2.539) a ZDP “trata-se do espaço de trabalho no qual uma pessoa atua para ampliar os conhecimentos do aprendiz”. Existem dois níveis nesta zona, o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O primeiro nível, o real, corresponde àquilo que a pessoa pode fazer sozinha, neste momento, consideramos que as funções psicológicas para tal ação já estão desenvolvidas, pois é capaz de realizar uma tarefa sem ajuda nenhuma, chamamos então de nível de desenvolvimento real.

Quando observamos uma pessoa realizando uma atividade com qualquer tipo de ajuda, temos que as funções psicológicas, para aquela tarefa, ainda não foram totalmente desenvolvidas, dizemos que esta atividade está no nível de desenvolvimento potencial, ou seja, a aprendizagem pode proporcionar desenvolvimento até chegar ao ponto onde, a mesma pessoa, não precisará de ajuda para realizar a mesma atividade. Essa distância entre o que se sabe fazer com ajuda e o que se saberá sem ajuda é a zona de desenvolvimento proximal (Oliveira, 2004).

No entanto, não é toda ajuda e de qualquer pessoa que é capaz de proporcionar a realização de uma atividade para aquele que demonstra dificuldade. Ensinar uma criança de um mês de vida a andar não a ajuda em nada, ela não será capaz de realizar este feito nem com a ajuda de alguém que já saiba andar. Se observarmos uma mudança de postura nos bebês e a capacidade de engatinhar, então começamos a colocar a criança em pé, a ajudamos a dar pequenos passos, ainda que apoiados em nossas mãos, ela ainda não desenvolveu a capacidade de andar, mas já começa a aprender como fazê-lo. Identificar estas etapas quer dizer saber qual a necessidade de aprendizagem naquele dado momento.

Vigotski (2003) diz que o “aprendizado deve ser combinado de alguma maneira com o nível de desenvolvimento da criança” (p. 111) e ainda “que o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento” (p. 117). A ajuda de alguém capacitado se torna muito importante, já que há necessidade de um mediador que saiba discernir o momento propício para a aprendizagem que antecede, promove desenvolvimento.

Dessa maneira, a intervenção pedagógica deve ser feita até que seja possível desencadear a aprendizagem daquilo que está no nível de desenvolvimento potencial, atingindo os objetivos propostos pela escola que é o desenvolvimento e fazer com que a

criança se aproprie da cultura. Entender em que nível se encontra o desenvolvimento da criança na escola se torna indispensável, uma vez que a partir daí será determinado se o que o professor ensina será realmente importante para o desenvolvimento ou não.

Se na escola, o maior objetivo é justamente possibilitar o aprender e assim promover o desenvolvimento, os dois processos (aprendizagem e desenvolvimento) devem estar em sintonia, “a aprendizagem desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas” Vigotski (2003, p. 117-118). O professor deve estar ciente de seu papel de mediador, lembrando que não é somente a intervenção do professor que promove o desenvolvimento, a interação entre aluno/aluno também o gera, no entanto, destacamos o professor, por ser ele, no contexto escolar, o mais competente para tal ação e por estar intencionalmente comprometido com intervenções capaz de promover o desenvolvimento do aluno.

Para isso, o professor deve ir de encontro ao pensamento do aluno, sem descartá-lo de forma negativa ou reprovativa, mas levar o aluno a pensar em suas respostas e a expressar seu pensamento. Mesmo que as respostas não sejam as esperadas e fujam do objetivo, se faz importante redirecioná-las e levar em consideração o que o aluno expressa, assim é ressaltada a importância de se compartilhar os pensamentos e partir deles chegar onde se quer, organizando o conhecimento. Vigotski (2003) diz que:

Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. (p. 118)

Dessa maneira, interagir com o aluno ajuda a construir o conhecimento que se deseja ensinar, na escola aprendemos e reconstruímos a cultura, não faz sentido o professor não compartilhar o conhecimento que o aluno já tem e ajudá-lo, com que o ele já sabe mas não consegue desenvolver sozinho, a saltar de nível.

Assim sendo, não é possível passar o processo de aprendizagem fora de uma relação entre pessoas, cujo eixo não seja o processo dialógico. Entende-se que a participação ativa em sala de aula não está na sequência das ações empreendidas, mas na possibilidade de as pessoas

que compartilham esse espaço expressarem seus pensamentos e ouvirem a comunicação do outro, tendo em vista uma construção conjunta de conhecimento. (Tacca, p. 49, 2008)

É de suma importância desenvolver a comunicação entre professor e aluno, somente assim o aluno consegue expor suas ideias e uni-las às do professor ou até mesmo não concordar com o as ideias que foram dadas por ele, é nesse movimento de pensamento que realmente acontece a aprendizagem e consequentemente o desenvolvimento. “O aluno torna-se sujeito de sua aprendizagem quando é capaz de desenvolver um roteiro diferenciado em relação ao que aprende e se posicionar crítica e reflexivamente em relação à aprendizagem” (Rey, p. 40, 2008)

Por ser o mais competente, não podemos considerar o professor como único no que diz respeito à transmissão da cultura científica, que é o que aprendemos na escola. Se considerarmos a cultura como algo que é construído e constrói o homem, temos que a interação entre o aluno e o professor se torna essencial, a medida que os dois estão em um espaço onde a cultura é transmitida e reconstruída. Ser consciente do papel de ensinar é participar ativamente do papel de humanização do aluno, do contrário, o processo de humanização será reduzido à fragmentação do conhecimento, como ocorre muito nos dias de hoje. Fazer com que o aluno desenvolva a capacidade de pensar a respeito de situações cotidianas, interiores ou exteriores, é uma maneira de contribuir para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, por meio da apropriação da cultura científica, que é o objetivo da escola, tendo o professor como principal agente na promoção da aprendizagem.

Se o professor não consegue considerar o que o aluno diz, então há uma defasagem nessas funções, tanto de educador como de aprendiz, sem consciência de seus papeis a atividade pedagógica perde seu significado, se ele não existe não há apropriação e o conhecimento começa a se dividir, de forma que se fragmenta tanto que não há mais como entrelaçar o conhecimento que foi construído intrinsecamente ao longo da história. Fragmentar quer dizer amontoar conteúdos, o que foge completamente daquilo que explicitamos aqui como desenvolvimento, ao considerar somente o conteúdo que deve ser trabalhado, esquecemos do sujeito que deve ser o foco, o aluno. Considerar o que aluno sabe e trazê-lo para o ato de mediar faz sentido à medida que o professor se utiliza disso para propiciar o aprender, dessa maneira acabamos por acessar aquele conceito que o aluno encontra dificuldade em formular

sozinho, mas que com ajuda pode desenvolver e ser capaz de realizar sozinho. Essa ajuda vem do professor, como organizador de seu pensamento, agindo na ZDP de forma que promova aprendizagem e desenvolvimento. O aluno é o ponto de partida do professor e a apropriação por parte do aluno, daquilo que foi sistematizado durante toda a história pelo homem, é se aproximar da linha de chegada a medida que ele incorpora o que é ensinado, é dessa maneira que mediação, aprendizagem e desenvolvimento caminham juntos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação é fundamental no processo de desenvolvimento humano, para praticá-la precisamos das relações sociais, de alguém mais capaz para que o processo de apropriação se torne possível. Mediar é trazer do plano externo para o plano interno as ações cotidianas, fazendo com que haja uma incorporação da cultura. Quando destacamos essa função histórica no contexto escolar, observamos que, sem dúvidas, o professor se torna o maior responsável por mediar o conhecimento científico construído. A mediação na prática pedagógica deve promover aprendizagem o que promove desenvolvimento, ela atua entre o que o aluno já sabe e o que pode saber, usando como ponto de partida o que o aluno já sabe, dessa forma se torna de extrema importância considerar os conhecimentos do aluno, e integrá-los, à medida do possível aos objetivos do professor.

Ser professor é mais que transmitir informações é rearranjá-las mentalmente, é causar uma modificação nas estruturas psicológicas, de maneira que o conhecimento se abra diante do aluno, entender a atividade pedagógica através da mediação se torna essencial, pois é por meio dela que o professor se torna, realmente, alguém capaz de promover o desenvolvimento.

A consciência de que se é um agente promotor de desenvolvimento e que as ações realizadas podem modificar a visão que o aluno tem do mundo, faz da atividade pedagógica algo cheio de significados que se entrelaçam diante das construções humanas, negar este papel ou fazê-lo de maneira equivocada, transforma a prática do professor em uma ação sem significado, desfigurando o objetivo da ação docente, fragmentando os conteúdos e colocando-os em “caixinhas” onde o saber não faz sentido.

O papel que o professor exerce dentro de uma sociedade, o torna um dos principais atores no processo de desenvolvimento, ele tem influência direta em um

ambiente que é voltado para a aprendizagem, a escola. Ser professor é agir de maneira consciente, exercer sua função de forma digna, provocando o desenvolvimento do aluno, que se apropria da cultura e se torna participante do mundo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J. **Reflexões a partir da Psicologia sócio-histórica sobre a categoria da “consciência”**. Cadernos de Pesquisa, n. 110, p. 125-142, julho, 2000.

ANJOS, D. D. dos. Experiência docente e desenvolvimento profissional: condições e demandas no trabalho de ensinar. SMOLKA, A. L. B., NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs.) **Questões do Desenvolvimento humano- Práticas e Sentidos**. (p.129-150) 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

ASBAHR, F. S. F. **A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade**. Revista Brasileira de Educação, n. 29, 2005.

BASSO, I. S. **As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de história**. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

BERNARDES, M. E. ASBAHR, F. F. S. **Atividade pedagógica e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores**. Perspectiva, v. 25, n. 2, Florianópolis, p. 315-342, jul./dez. 2007.

BERNARDES, M. E. M.; MOURA, M. O. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, n.3, p. 463-478, set./dez. 2009.

BERNI, R. I. G. **Mediação: O conceito Vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica**. XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, p. 2533-2542, 2006.

BULGRAEN, V. C. **O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento**. Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.4, ago./dez. 2010.

FACCI, M. G. D. “Professora é verdade que ler e escrever é uma coisa fácil?” – Reflexões em torno do processo ensino-aprendizagem na perspectiva Vigotskiana. MEIRA, M. E. M.; FACCI, M. G. D. (Orgs.) **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. (p. 135-155). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

FINO, C. N. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas.** Revista Portuguesa de Educação, v. 14, n. 4, p. 273-291, 2001.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAPLANE, A. L. F. de, BOTEGA, M. B. S. A mediação da cultura no desenvolvimento infantil. SMOLKA, A. L. B., NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs.) **Questões do Desenvolvimento humano- Práticas e Sentidos.** (p. 13-32) 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

LUCCI, M. A. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica.** Revista de currículum y formación del profesorado, v. 10, n. 2, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostras e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARINHO-ARAÚJO, C. **Interdependência entre aprendizagem e desenvolvimento.** Texto não publicado, 2014.

MEIRA, M. E. M. Psicologia histórico-cultural: Fundamentos, pressupostos e articulações com a psicologia da educação. MEIRA, M. E. M. FACCI, M. G. D. **Psicologia histórico-cultural- Contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação.** (p. 27-62). 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOURA, M. O. ARAÚJO, E. S. RIBEIRO, F. D. PANOSSIAN, M. L. MORETTI, V. D. A atividade orientadora de ensino como unidade entre ensino e aprendizagem. MOURA, M. O. (Org.) **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural.** (p. 81-109) Brasília: Liber Livro, 2010.

SMOLKA, A. L. B., NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs.) **Questões do Desenvolvimento humano- Práticas e Sentidos.** (p. 57-80) 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

OLIVEIRA, C. B. E. de. Pressupostos Conceituais. **Psicologia escolar e a relação família-escola no ensino médio: Estudando as concepções desta relação.** (p. 9-36). Tese de Mestrado. Universidade de Brasília, 2007.

OLIVEIRA, M. K de. **Vygotsky: Aprendizado e Desenvolvimento, Um processo sócio-histórico.** 4ª edição, São Paulo: Editora Scipione, 2004.

REY, F. L. G. O Sujeito que Aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. TACCA, M. C. V. R. (Org). **Aprendizagem e o trabalho pedagógico.** (p. 29-44) 2ª Ed. São Paulo: Alínea, 2008.

RIGON, A. J. ASBAHR, F. F. S., MORETTI, V. D. Sobre o processo de humanização. MOURA, M. O. (Org.) **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural.** (p. 13-44). Brasília: Liber Livro, 2010.

RIGON, A. J. BERNARDES, M. E. M. CEDRO, W. L. O desenvolvimento psíquico e o processo educativo. MOURA, M. O. (Org.) **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural.** (p. 45-66). Brasília: Liber Livro, 2010.

SANTOS, N. O. B. GASPARIN, J. L. **O trabalho educativo: Contribuições da teoria histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica.** IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da região sul, 2012.

SILVA, S. M. C da. **Mediação cultural – reflexões a partir da teoria histórico-cultural.** IX Congresso Nacional de Psicologia Educacional, ABRAPEE, 2009.

SILVA, F. G. DA. DAVIS, C. **Conceitos de Vigotski no Brasil: Produção divulgada nos cadernos de pesquisa.** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 633-661, set./dez. 2004.

SMOLKA, A. L. B. Ensinar e Significar: as relações de ensino em questão ou das (não) coincidências nas relações de ensino. SMOLKA, A. L. B., NOGUEIRA, A. L. H. (Orgs.) **Questões do Desenvolvimento humano- Práticas e Sentidos.** (p.107-128) 1ª ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

TACCA, M. C. V. R. Estratégias Pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. TACCA, M. C. V. R. (Org). **Aprendizagem e o trabalho pedagógico.** (p. 45-68) 2ª Ed. São Paulo: Alínea, 2008.

VERONEZI, R. J. B. DAMASCENO, B. P. FERNANDES, Y. B. **Funções Psicológicas Superiores: Origem social e natureza mediada.** Revista de Ciências Médicas, Campinas, p. 573-541, Nov./dez. 2005.

VYGOTSKI, L.S. A psicologia e o Mestre. **Psicologia Pedagógica.** (p. 445-464) 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, L.S. **A Formação Social da Mente.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.